Anno 1 Imperio do Brazil. Provincia de São Pedro. Numero 8

AURORA DA SERRA.

Orgão da Sociedade Litteraria == Aurora da Serra. ==

CRUZ-ALTA, 1º. DE AGOSTO DE 1884.

Aurora da Serra

Edificio para Escóla.

Pelo digno vereador da Camara Municipal d'esta Cidade, nosso consocio Sezefredó Moraes Silveira foi apresentado no anno proximo passado, uma indicação para a construcção de um edificio para n'elle funcionar as aulas publicas do sexo masculino e feminino ; a Camara aceitou unanimamente tão grandiosa idéa, propondo uma verba para esse fim, e nomeando uma commissão para angariar donativos com o patriotico intento de invidar todos os esforços para a consecução de tão util, quão futuro melhoramento.

Tem se passado muitos mezes e a idéa parece estar arrefecida, não ha motivo para tal ; uma corporação importante como a Camara, encontrando, como encontrou a boa vontade de todo povo, não deve crusar os braços, deve agir que a victoria será coroada do feliz exito : a camara sendo o pharol do municipio deve ter em vista, que : a escóla é o grande templo da actualidade ; da li é que surge aportentosa luz que doira todo o universo, que purificando a sociedade prepara o pai, e a mãi de familia, para os sagrados misteres do lar e da patria.

E nós que advogamos a causa do futuro, a qual tem o seo principal elo na instrucção popular, faremos tudo que estiver ao nosso alcanse, para que esta idéa triumphante em todo mundo civilisado, torne se tambem triumphante em nossa patria uma de suas columnas mais esperansosas, como bem diz, o eloquente e celebre historiador Edgar Quinet.

A idéa humanitaria de libertar o espirito das trevas da ignorancia que é o mesmo que dar-lhe um mundo de luzes, de amor e de paz. Sim, de luz moral porque o ignorante enchergamas não vê, ama mas não tem a verdadeira comprehensão do que é o amor, apropria paz elle desconhece seos beneficios !...

Ter olhos e não enchergar, ter coração e não ter amor, ter intelligencia e não gozar ! !

Realmente o ignorante é um desgraçado moralmente fallando : porque despondo de todos os elementos, não pode uzar da principal força da sociedade hodierna : a força moral.

Quantas intelligencias não se perdem por falta de meios nos centros de nossas immensas campanhas, e mattas, onde a instrucção ainda não pode penetrar por falta de patriotismo do governo, e de uma parte bem saliente do povo que já comprehende a necessidade da instrucção ?

E nós que como bem dissemos advogamos a causa do futuro e que bem a nosso pezar vemos que esta instituição está longe de attingir o lugar de honra que lhe compete na escala sempre crescente dos immensos adiantamentos sociaes, havemos de trabalhar o quanto estiver em nossas forças, para tudo que for tendente e levantal-a ao lugar a que tem direito tão sagrado sacerdocio : por isso faremos tudo que for possivel para eleval-a e tornal-a digna de um povo que sabe comprehender que a instrucção é a pedra de toque para todos os misteres da vida e que portanto honral-a com casas apropriadas em todas as localidades, é signal de renascimento e de muito futuro, para um paiz que como o nosso recem principia a dar o valor que deve dar a escola— o templo onde a criança aprende os principaes rudimentos para tornar-se homem util e cidadão aproveitavel.

São portanto os nossos ardentes desejos que a Camara se compenetre de sua alta missão e unida ao povo que estará sempre prompto aquadjuval-a, porque o povo é sempre o povo grande e heroico nos momentos extremos

em que a patria apella para o seo fervoroso patriotismo=ahi está a abolição da escravidão attestando eloquentemente e gravando mais uma vez em letras d'oiro a sua immensa e portentosa força :—elle quer a liberdade do escravo já porque é uma necessidade transcedente, e hade se realisar porque abrio o seo grande peito para recolher os ultimos sacrarios de sua liberdade ; porque paiz onde ha escravos não se pode consenciosamente dizer que seja livre ; e o Brazil não deve mais um só momento trepidar em proclamar em bases certas e seguras, que é um paiz livre.

Brazileiros avante ! Que o hymno da victoria já entoou seus bellos canticos no norte, e já ressoam seos furtivos sons cá para as bandas do sul !, e amanhã unidos em um só amplexo fraternal diremos juntamente somos um povo livre, trabalhemos para serrnos um povo prospero. Colloquem-os a charrua ao lado da escóla, mas que seja movidas por braços livres econscientes ; que a paz e o progresso não serão interrompidos um só instante—elles tem os seos mais solidos alicerces no trabalho —apaz exterior no respeito, um paiz prospero e respeitado.

Cruz Alta 1.º Agosto de 1834.

João Pereira da Costa.

Theatro.

A iniciativa de algnns de nossos consocios reapareceu o nosso antigo theatrinho ; e a elite de nossa sociedade na noite de 13 do mez passado, na qual foi levado a scena o drama intitulado —o filho da escrava— producção de nosso intelligente comprovinciano Aparicio Mariense ali concorreu em grande parte mostrando-se radiante de contentamento.

Realmente o theatro é uma diversão agradavel e instructiva, e fazemos votos para que sua apparição seja longa; e não ha nada a duvidar, porque a sua frente acha-se uma pleiade de jovens replectos de vida ; esperamos que assim como no desempenho do drama excedam as nossas expectativas mostrando-se fortes e tenazes n'esta nova crusada do theatro entre nós ; fazemos estas ligeiras considerações por que nas sociedades novas á evolução mostra-se sempre vacillante, e é isto muito natural : como a criança antes de tornar-se homem, tropeça e cahe muitas vezes—as sociedades novas, nos diversos periodos que passa são assim tambem ; é isto uma prova evidente que tudo tende inevitavelmente a attingir a um certo grao de perfeição.

Dizemos isto somente para lembrar-vos, que a despeito de tudo devemos ir avançando sempre. A estrada da vida è uma faxa perene de fiores e espinhos, e a luta pelo bem nunca deve ser abandonada ; e sendo o theatro uma escóla ao alcance de todos, deve ser bem comprehendido em uma sociedade que inicia-se debaixo de certo ponto de vista, e de civilisação ; esperamos que sobre estas nossas toscas linhas não venha mais o silencio murtuario da indifferença um só momento pairar sobre suas resplandecentes esperanças ; e que o povo da Cruz Alta corresponda aos esforços que fazemos. para que mostre que embora de pouco ou de nenhum brilho, é uma estrella do fulgente cruzeiro sul americano ; e que o tempo talvez em futuro não muito longo manifeste o seu fulgurante brilho. Não sejamos pois, mais um só momento indifferentes, bembremo-nos que animamos a nós tambem=a vida sem divertimento torna-se pesada e incomoda—a tristesa paralisa todas as forças, o goso é uma cousa imprescindivel :— esta é a grande lei.

—

Agora duas palavras sobre o drama : Pintando de vivas cores, o episodio de um dos problemas que mais sympathico se apresenta a nossa actualidade—a abolição da escravidão ; trazendo a téla da sociedade um assumpto que interessa a todos ; por isso a escolha de um drama no qual prende-se a felicidade e grandeza futura de nossa patria, não podia deixar de ter um recebimento tão condigno, como teve, patenteando com esperanças bem visiveis o santo amor de patriotismo avassalando todos os corações brazileiros.

E como em signal inevitavel do quanto esforção-se para o engrandecimento de nossa flores cente sociedade aqui deixamos gravados os nomes de nossos estimaveis collegas, e cidadãos qne tomaram parte no drama e comedia : Celso Dezouzart, Augusto Martins, João Francisco Pereira, Josino dos Santos Lima, João Azevedo, Abelardo de Campos, Adriano Bessa, Verissimo Lopes e o jovem Rafael Vianna.

Cruz Alta, 1.º de Agosto de 1884.

João P. da Costa.

Collaboração

A critica.

A critica !

Eis a grande alavanca com a qual Archimedes não aballaria o mundo, se encontrasse um ponto de apoio ; mas com a qual o homem é capaz de abalar a rocha granitica que se formou no seio da sociedade, como que por uma superposição de preconceitos e abusos que o tempo e a rotina cimentaram.

A critica! Eis a bella vandala que vai de acha em punho, ceifando a hera parasita que medrou nos muros estragados das instituições inuteis e perante á qual foge meio mundo, como as creanças de Roma, fugiam, á simples ennunciação do nome de —Attila.

A critica ! eis a obreira infatigavel, possuidora do segredo de —edificar, demolindo.

Criticar é raciocinar.

Toda a critica presuppõe a faculdade de julgar.

E' Aulette quem o diz.

A Historia era um mysto esquisito de realidade e fabula, parecia um conto oriental, eivado de visões, fantasmas, divindades agitando-se no mundo profano, lendas imaginarias pervertendo a veracidade das narrações.

A critica reconstruiu a Historia tirando-lhe a fabula e deixando-lhe o —facto,

Com a philosophia, a mesma cousa a critica poz em fogo os diversos systhemas philosophicos para que vingasse o mais racional.

Na litteratura o critico occupa, sem duvida alguma o primeiro lugar.

A critica sobre os costumes é mais do que necessaria, é imprescindivel.

Voltaire fez com a critica mais do que Napoleão com suas legiões.

A ironia, o sarcasmo, e a satyra na critica tem o immenso poder de corrigir : *ridendo castigat mores.*

Assim, o critico não é um demolidor, apezar de dar-se muitas vezes o seguinte facto assignado por Machado de Assis :—Não raro se originam odios onde era natural travarem-se affectos: Desfiguram-se os intentos da critica, attribue-se á inveja o que vem da imparcialidade ; chama-se antipathia o que é consciencia.

O riso de Voltaire vencia tudo.

Rir não é um mal, é um bem.

Nas situações difficeis o riso é um conforto e uma esperança.

Refere Chateaubriand que durante as calamidades do —Terror em França, todas as noutes os theatros de Paris ficavam cheios de espectadores.

—Quando a França cessar de rir-se, cessará de existir—diz Reymond.

A critica sobre os homens, maxime quando estes, occupando certas posições, influe sobremodo nos destinos sociaes, é tão necessaria, como a critica sobre os costumes.

Entre nós a critica está fazendo obra.

A imprensa fulminense vive de critica.

E' a critica que ha de reformar os nossos costumes.

E' a critica que ha de acabar com a Guarda Nacional, ou dar-lhe outra feição.

Prefere-se em geral uma boa critica a outra qualquer cousa.

A critica parlamentar é uma arma poderosa.

Um discurso do sr. Ferreira Vianna, quando mais não seja, é sempre uma victoria da critica.

Criticar é moralisar, edificar.

Evaristo Teixeira Junior.

Uma perda sencivel.

A Cruz-Alta acaba de, cheia de pezar, presenciar o desapparecimento de um de seus mais bellos ornamentos : D. Eliza do Prado Costa já não existe.

Por entre as lagrimas do esposo estremoso, dos filhos queridos, dos parentes emfim, ella partiu deste mundo de miserias, e foi habitar na mansão dos justos, onde lhe está reservado o lugar de esposa modelo, mãi extremosa e filha exemplar.

A sua morte não só cobrio de luto uma familia numerosa, como tambem deixou immersos em profunda tristeza, todos aquelles que a conheciam, e que tiveram occasião de apreciar os elevados dotes moraes que ella possuia.

Em D. Eliza sempre apreciou-se a synthese de todas as virtudes ; é que ella comprehendia a sua sublime missão, sabendo, com resignação heroica, supportar os embates crueis da sorte.

No estreito circulo do lar domestico ella sempre collocou-se na altura do verdadeiro typo da mãe de familia, encaminhando, por vereda certa, aquelles que hoje, inconsolaveis, chorão a sua morte.

A' D. Eliza pode applicar-se a phrase de um distincto escriptor: era um anjo do lar domestico.

Nada mais accrescentarei. A dor que se apoderou de todos ao terem noticia de seu desapparecimento, é o testemunho mais eloquente de que, seu passamento, abrio na sociedade cruz-altense um vacuo imprehenchivel.

Ao traçar estas linhas não fazemos mais do que cumprir um dever fazendo saliente os predicados que ornaram aquella, cuja morte hoje pranteamos.

A seu inconsolavel esposo, meu particular amigo, sr. Guilherme Joaquim da Costa, e toda sua familia, daqui enviamos nossos sentidissimos pesames.

Tres Crpões, Agosto de 84

José Lucas Dias

As serpentes

(Continuação.)

A' ourta classe pertencem os *trigonocephalus* do genero a que pertence a jararaca O veneno d'estas, ao contrario do dos *crotalus*, faz coagular o sangue. Esta especie traz aquelle nome, porque tem a cabeça em forma triangular, e compõe-se de um grande numero de variedades, sendo algumas dellas temiveis por envestir contra o homem, como por exemplo a que é conhecida pelo nome de sorocotinga—*trigonocephalus brazilicnsis* das quaes chegam algumas a medir mais de vinte palmos de comprimento, e são armadas de presas do tamanho de uma pollegada ; mas, felizmente sãs raras e só habitam nas grandes floresta virgens do norte.

Nesta provincia tambem existem differentes especies de trigonocephalus, porem de dimensões muito menores do que a precedente, das quaes algumas investem contra o homem.

São as maiores desta especie a *jararacussú*—*trigonocephalus atrox*—e a *boycoraussú*, uma jararacussú de malhas encarnadas, as quaes tem um comprimento approximado de oito a dez palmos.

Estas ultimas são raras, mas ja tive occasião de encontar uma daquelle tamanho (andando eu em viagem), aqual, no acto de me approximar para observal-a, preparou-se para me atacar, avista do que, apeei-me do cavallo, e empunhando a espada que trazia comigo, a matei sem dar-lhe tempo de investir-me ; quando ella se preparou para me atirar o bote, achatou-se adquirindo uma largura de quasi um palmo.

O veneno da cobra de cascavel—*boyquira*—no idioma indigena, é. dos venenos ophidicos, o que possue sobre todos, uma acção mais activa e deleteria ; mas, em compensação, esse foi midavel inimigo do homem, não o ataca sem que seja tocado ou hostilizado, e ainda assim, na occasião de preparar o bote, nos dá primeiramente um aviso de sua presença, chocalhando fortemente os guizos que traz como appendice na ponta da cauda—uma especie de chocalho, composto de peças conicas fusiformes annullosas, de substancia cornea, do tamanho de quatro pollegadas nas *boyquiras* velhas.

São igualmente desta especie o *urutú*, o *surucucú*, que tem um comprimento de cerca de deseseis palmos, e a *curuçu quatiara*—cobra de cruz branca na cabeça—tódas venenosissimas.

Alem destas temiveis serpentes, ainda ha diversas qualidades conhecidas e mais ou menos venenosas, mas em muito menor grau do que os *crotalus* e os *trigonocephalus*.

Assim temos a *amphisena branca*, cobra que parece ter duas cabeças e ser cega ;é venenosa mas somente ataca quando é tocadada, e vivem sempre occuldas na terra, ao pè das casas de formigas, se nutrindo dellas.—

A cobra *coral coluber coralolium*=que abunda nesta região, é desprovida de presas venenosas, comquanto seja temida como muito venenosa, asseverando alguns, que ella é armada de um ferrão venenoso na ponta da cauda ; mas essa circunstancia carece de averiguação. Vi nesta Cidade um argentino de nome Fernando com uma cobra destás nos seios, presa por dentro da camisa abotoada, e que para mostral-a desabotoava-se, quando então ella subia, circulando-lhe o pescoço, e acariciando-o com a lingua bifurcada ; depois disto tornava a recolhel-a para dentro do mesmo seio.

Eu tambem ja prendi uma destas cobras em uma redoma de vidro, sem poder conseguir fazel-a morder ou ferretuar, apesar de embravecel-.a=

Passarei a descrever os caracteristicos por meio dos quaes pode-se destinguir as serpentes venenosas das não venenosas.

As que são venenosas tem a cabeça achata-

dá, e os angulos das madibulas muito salientes, devido a disposição porque estão collocadas as presas na mundibula superior, cujas presas tem uma concavidade que vai até a raiz, e onde está contido o veneno ophidico em uma pequena cellula membranosa, que, no acto de picar, rompe-se esguichando a substancia venenosa pela concavidade da presa abaixo até a picada, produzindo a absorpção sub cutanea.

As presas da serpente venenosa tem a apparencia de uma garra agúçada de gato e como ellas, no estado de quietação conservão-se occultas em seu alveolo, até o momento de atirar o bote. A epiderme é coberta de escamas sem lustro, a cauda curta, e mudão todos os annos de epiderme, o que não acontece com a especie desprovida de veneno; nunca fogem de presença do homem, provalvemente conscias da sua arma mortifera; são vivipara s e indolentes.

(Continúa.)

Innocencia.

Mamãi, mamãi, diz Bembem,
Venha cá, olhe, o papai
«Stá tão tonto... quasi cahe...
Vá ver mamãi que elle tem...

A mãi corre, vai á porta
Vêr se vem ébrio o marido,
Tempo em que sae atordido
Bembem p'ara ao fundo da horta.

Já tonto e cambaleando
Entra o marido e esbarrando
Cahe sobre os pés do divan.

E emquanto luta, se erguendo,
Bembem vem tonto, correndo,
C' uns galhinhos de hortelan.

Stenzel.

Tiradentes.

Amaste a liberdade! e n'esse amor,
Sacrificaste tudo— a propria vida;
Sonhaste um dia a patria estremecida.
Livre do jugo do real fulgor.

E assim—na fé de que o Brazil podesse
Curvar o joelho á tricolar bandeira,
De peito aberto p'ra a nação inteira.
Ergueste a ideia em fervorosa prece.

Lutaste e muito! Mas teu braço forte,
Qual cedro á força do tufão do norte,
Cedeo á força d'oppressora lei!

Mas ah! que quando intransigente a historia
De heróes o craneo engrinaldar de gloria,
Tu—terás glorias muito mais que um rei.

Stenzel.

Chromo.

Na sala, jogão os velhos
O gamão, e voltarete;
Na varanda, um diabrete
Põe a gente em convulsão
Tudo é riso na varanda,
Tudo é festa lá na sala,
Mas, lá dentro, na senzala,
Jaz a negra escravidão.

J. Evaristo.

Uma pequena historia.

O. D. C. aos Salesianos.

Don Evaristo T. Junior.

(Continuação)

—Pois bem!—disse João Pedro com raiva—é o preço talvez de uma infamia que eu não posso perceber. Agarra esse dinheiro e põe-te no andar da rua com teu filho, já!—bradou João Pedro.

Antonia tremeu dos pés á cabeça. Baixou os olhos e chorou.

Era o arrependimento que chegava.

A liberdade que ella antevia deu-lhe forças. Pediu para despedir-se de Clara e Luiza. Ajoelhou-se diante d'esta e chorou muito.

Retirou-se afinal com seu filho.

Parou a porta da rua sem saber para onde ir e depois caminhou ao accaso.

———

D'ahi a duas horas o Dr. Brito subia a escada que dava para a sala da casa de João Pedro.

Luiza fora abrir a porta.

O Dr. Brito estremeceu ao ver as feições descompostas de Luiza.

—Tenha paciencia, Dr., mais devagar. Meo pae e minha mãe dormem a sesta.

Brito ficou um momento irresoluto; não sabia se devia entrar ou voltar.

Resolveu entrar. Apertou a mão de Luiza e sentou-se.

Luiza foi sentar-se pouco distante.

Passaram-se minutos longos para aquelles corações.

—O que ha, D. Luiza, que todos aqui choram?—aventurou timidamente o Dr. Brito.

—Ha prenuncios de desgraças, ha desalentos que matam!

—E' a minha dôr que aqui encontro!—tornou o medico.

—E não poderei eu consolar-vos?—disse Luiza enrubescendo.

—Talvez não!—atalhou o Dr. com magoa= Aqui, D. Luiza, em seu olhar vi um mundo de alegrias, em seu sorriso—o mais doce dos affagos. Amei-a, D. Luiza...

—Amou-me!—repetiu Luiza radiante de prazer e ao mesmo tempo baixou a cabeça e uma lagryma furtiva queimou-lhe a face quando Luiza notou a linguagem do preterito.

—Amou-me!—disse ella com cruel ironia—mas já é amor do passado!

—De um passado de hontem, quando um mal dicto padre não me havia inspirado uma suspeita atroz!—respondeu o medico com dor.

—Suspeita de mim então?—tornou Luiza erguendo-se. Ah! Sr. Dr. bem sabe tambem que o amei! Cousas do passado tambem!—e retirou-se soluçando.

Brito descansou a fronte sobre a palma da mão direita até que um soluço longicuo deLuiza, despertou-o.

Tomou o chapéo e retirou-se.

Levava comsigo o desespero.

———

O cansaço e o soffrimento tinham prostrado Clara e João Pedro.

Leve somno de uma hora havia como que desvanecido tantos pezares accummulados no coração d'aquelles esposos.

Estava-lhes, porem, reservado um despertar bem triste.

Luiza debatia-se com uma febre intensa.

Delirava em altas vozes e foi então que Clara acordou.

Erguer-se, chamar João Pedro e correr para o quarto de Luiza foi óbra de um momento.

João Pedro sahiu ás pressas.

Trouxe para a cabeceira de Luiza o primeiro medico que encontrou.

Era o Dr. Alves, um velho de sessenta annos.

Tratou de acalmar a inquietação dos paes de Luiza e passou a examinar a doante.

O estado de Luiza inspirava serios cuidados; o typho se havia declarado e Luiza estava.... gravida!

O Dr. Alves apercebeu-se de tudo. Receitou e sahiu.

A febre de Luiza para á noute serenou um pouco.

Clara velou junto ao leito de sua filha.

Pela madrugada entrou desesperada no quarto de seu marido. João Pedro estava acordado.

—Peiorou Luiza?—perguntou elle.

—Estamos deshonrado! Luiza está por ser mae!—exclamou a infeliz Clara.

João Pedro ficou como se um raio o houvesse fulminado.

Quiz fallar e não poude.

Assim permaneceu algum tempo, apertando contra seu peito sua idolatrada mulher e ouvia-se então uma triste harmonia de soluços, exclamações, pungentes, que calavam n'alma!

——

O Dr. Brito, mal chegara em casa, atirou-se ao leito.

D'ahi á duas horas bateram á porta.

Foi abrir.

Era Antonia que ali estava.

—Que queres aqui?—perguntou Brito.

=Sr. Dr. não sou mais captiva, e não tenho onde ir pousar!—disse Antonia.

—Pois bem sabes que sou solteiro; portanto procura outra casa—tornou Brito.

—Vinha tambem revelar-lhe um segredo.

—E com que fim?

—Não sei; mas diz-me a consciencia que devo revelar lh'o.

=Pois falla, mas nota que talvez seja melkor nada dizer-me.

—Desde hontem, disse Antonia, o remorso me persegue. Estou livre, mas a minha liberdade custou um crime !

—Mas saibas que, sabedor de teu crime, posso denunciar-te.

—Oh ! mas eu publicaria o segredo de uma familia que o sr. prêsa.

—Trata-se então ?....

—De Luiza.

=De Luiza ?—repetiu o Dr. Brito tremulo de commoção.

=Sim. Entreguei-a ao padre Modesto, á troco de minha liberdade !—exclamou Antonia com profunda dor :

Brito cahiu exhausto em uma cadeira, emquanto seu dedo indicador da mão direita apontava á Antonia á porta da rua.

———

Pela madrugada d'essa triste noute bateram de novo á porta da casa do Dr. Brito.

Brito ainda jazia n'aquella cadeira, onde o vimos cahir depois da revellação de Antonia. Suas idéias redomoinhavam-lhe desordenadamente no cerebro.

Quando abriu a porta, entrou João Pedro bruscamente.

—O sr. aqui ? á estas horas ?—perguntou o Dr.

—Meu senhor, disse João Pedro, não temos tempo para muita conversa. O senhor deshonrou Luiza, exijo uma reparação :—Brito mediu de um só olhar o seu amigo ; uma expressão de affliccão e dor esparramou-se-lhe pelo semblante e com voz repassada de augustia, respondeu :

—Sr. João Pedro, perdoo-lhe a injustiça, vem tomar de mim satisfações que só poderia dar-lhe o padre Modesto !

João Pedro cruzou os braços sobre o peito e a cabeça cahiu-lhe sobre o peito, como advinhando agora tudo.

—Perdoe-me, disse elle ao Dr, só agora percebo. Ah ! o padre ! ha de pagar !—Mas como soube de minha deshonra ?

—Antonia hontem revelou-m'a.

=E onde está ella ?

—Não sei e excusa procural-a.

Poucos sabiam de sua felicidade ; poucos saberão de sua desgraça !=disse o Dr. Brito sentenciosamente.

—D Luiza ?—accrescentou o Dr.

—Luiza !—tornou João Pedro—está de cama e muito mal !

—Pois então tratemos de salval-a disse Brito.

João Pedro deixou-se levar pelo Dr. Brito.

(Continúa.)

Chronica.

1.º de Agosto de 1884.

Houve tempo em que a nossa cidade era um pequeno paraiso.

Tão perfeita era a harmonia que mantinhão os seus habitantes : tão estreita a união que entretinham as familias ; tão viva a disposição que em todos reinava que, em vez d'uma estupida vegetação, levava-se n'esta terra uma vida cheia de prazeres e alegrias.

A Cruz-Alta era então um *petit* Paris ; a *cancelleira* e a *ronda* os boulevards onde as familias se reunião aos domingos, e onde alegres e contentes se banqueteavam, ouvindo asmelodias da nossa *Euterpe*, hoje esfacellada, mas n'aquelles tempos bem organisada e disposta para o que desse e viesse.

Nessas pagodeiras, o monotono estampido produzido pelo saltar da rolha da marca barbante suave e cadencioso como o canto da magica cereia, e o amargo conteúdo dessas botelhas multiformes, dilicioso como o nectar precioso dos deuses mythologicos. E porque ? Porque tudo isto era temperado com uma dose muito cocacta de intima familiaridade [e precedido por uma bem entendida liberdade.

E todos cantavão :

Le glou-glou, le joijeure flou flou tout toujours des gais compagnos.

Estrepitosos hurras acompanhavam as libações, que se succediam sem nunca haver excesso.

A' noite uma tertulha, um espetaculo dramatico, ou outra qualquer *soirée* completavão as diversões do domingo.

Alèm disto, o entrudo, o natal, o anno-bom os reis, ou tão somente uma noite de esplendido luar era motivo para um baile, ou outra sorte de divertimento que nunca faltava quem improvisasse.

Derepente, o nosso ceu, por onde nunca passava uma nuvem de desgosto, toldou-se e começou a despedir raios de todos os jaezes.

Era a politica que entrava trazendo um cor

tejo immenso de males.

A intriga, uma das primeiras, senão a mais intima de suas cortezãs, chegou a penetrar até no seio das familias ! e tudo abateu-se fulminado pela discordia, e o povo cruz-altense, qual mimosa sencitiva, murchou ao contacto d'aquella mão peçonhenta.

Ninguem se lembrou mais dos pic-nics da ronda ; a canelleira cahiu como que magoada pelo desprezo em que a deixaram ; acabaram-se os bailes, as festas, a alegria.

Mezes e mezes escoavam-se sem que se visse quatro familias reunidas, e quando se topava com um grupo de meia duzia de cavalheiros, o assumpto de que tratavão era politica, politica e sò politica.

Felizmente veio a lei do honrado Saraiva acalmar os animos justamente quando mais exaltados. Arredar a plebe das urnas, foi o mesmo que agua fria na fervura.

E hoje que o governo se transformou em theatro de ridiculas comedias, das quaes algumas com scenas vergonhosas e tragicas como o imposto do vintem, a morte de Apulcho e a original carta do Sr. Lafayatte, o povo comprehendeu que não deve se sacrificar mais por uma causa que não lhe traz nenhum proveito.

Tanto que quando apparece por aqui algum alto politico dizendo ter feito sacrificios inauditos, viajando apè, passando rios a nado, arcando com todos os intemperies do tempo, soffrendo fome, sede, somno e toda a sorte de trabalhos e privacões em busca da felicidade para os seus concidadãos (eleitores) aos quaes, em troca, apenas pede um voto para o seu protegido Fulano, que é uma optima machina de forjar patotas e ao mesmo tempo de dardejar vinganças, o povo, descrente, responde com uma gargalhada de escarneo que fal-o retroceder comendo fogo, ardendo de raiva.

D'est'arte a união tem se restabelecido entre nós e d'ahi a renascença de alegres dias de outr'ora.

Imbuidos desta disposição alguns moços amantes das distrações uteis, fundaram um theatro cuja estréa teve lugar no dia 13 do passado

O drama que subio a scena foi «O Filho d'uma escrava» da lavra do nosso intelligente comprovinciano Apparicio Mariense. Terminou o espetaculo com a engraçadissima comedia «Os trinta botões.»

Os papeis foram bem distribuido, e o desempenho satisfez geralmente.

Felicitando aos actores que, sem excepção, souberam conquistar os applausos da plateia, não posso deixar de especialisar os Srs. Celso Dezouzart, Adriano Bessa e João Francisco que representaram a comedia como verdadeiros profissionaes, fazendo rir desde a mocinha mais seria que là estava até ao velho misanthropo.

Em virtude do bom desempenho que teve o menino Rafael no papel de Elisa no drama, offereceu-lhe o corpo scenico um esplendido baile que se realisou na noite de 19 em casa do Sr Coronel Verissimo Annes.

Foi muito concorrido e prolongou-se animadissimo atê as tres horas da madrugada.

* * *

No dia 16 do passado casou-se o sr. Annibal Lopes da Silva, nosso digno consocio, com a Exm.ª Sra. D. Mauricia de Moraes Lopes.

Felicito aos nubentes desejando-lhes toda a sorte de venturas.

* * *

O ex-presidente do club *Aurora da Serra* o nosso caro amigo Guilherme Joaquim da Costa acaba de ser ferido no intimo da alma.

Falleceu no dia 6 do proximo findo a sua virtuosa esposa D. Elisa do Prado Costa.

Em signal de profundo pezar por tão doloroso acontecimento o Dr. Paixão propoz e a casa votou a supressão da sessão do dia 15, ficando registrado n'aquella acta um voto de profundo pezar por esta morte sentida por todos.

Ao infeliz esposo as minhas condolencias.

Can

Errata

Em o numero 7 artigo inicial=Em vez de= que todo o reforço=leia-se=que todo o esforço. Em vez de=debaixo de sua sombra preciosa,=leia-se=debaixo de sua sombra perniciosa. Em vez de=acima dos espantosos e extraordinarios, leia-se=acima dos expontaneos e extraordinarios. Em vez de=encadeamento e bondade,=leia se encadeamento do bondades.

Typ do Monitor Serrano

Anno 1 Imperio do Brasil. Provincia de São Pedro. Numero 9

AURORA DA SERRA.

Orgão da Sociedade Litteraria == Aurora da Serra. ==

CRUZ-ALTA, 7 DE SETEMBRO DE 1884.

Aurora da Serra,

Este numero é consagrado a libertação da Cruz-Alta. Parece incrivel, mas é verdade; em dous dias esta nobre cidade ateou o facho glorioso da liberdade, e proclamou livres todos os escravos que estavão dentro de seus limites.

E o municipio seguindo este exemplo nobilissimo tem se manifestado adherente a idéa, e cremos que até o dia 28 do corrente mez, data da memoravel lei do Visconde do Rio Branco, poderemos proclamar em todo este torrão a liberdade completa do elemento servil. Fica o homem obrigado ao trabalho—a esse sacrosanto dever, mas não obrigado a curvar-se ao azorrague do senhor. Fazemos justiça: ha muitos senhores bons, mas ha muitos senhores maos e até malvados.

Atar um pobre ente humano a um poste, fazer cahir-lhe as carnes aos pedaços, e jorrar o seu gué ao peso do chicote ha muitissimos. Isto é mais que crueldade é repugnante, e a civilisação do Brasil impõe a extinção da escravidão do seu solo, como uma cousa que o abate e o degrada, e a escravidão ha de acabar-se em breves dias. E temos bastantes esperanças para crer que o Rio Grande será a terceira provincia a emancipar-se d'esta mancha ignominiosa; assim como todas, e com especialidade, Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro, onde o interesse sordido de senhores possuidores de milhares de escravos, armão-se e lutão contra a liberdade que vai avassallando toda a terra de Santa Cruz cederão a esta vertiginosa corrente de enthusiasmo para a liberdade completa do Brazil=isto é uma lei social que impõe a todos por mais intransigentes que sejão; a razão e a justiça tem o seu dia infallivel e certo.

———

Esta revista, orgão humilde da sociedade Aurora da Serra, dirige, cheia das mais caras alegrias, um abraço fraternal á todos os habitantes desta região e provincia=e dizendo em nossa bella cidade não ha mais escravos, todos são livres, e o municipio brevemente poderá ufano dizer o mesmo.

João Pereira da Costa.

Abolição.

Quando um povo convicto dos grandes males que lhe tem causado uma má instituição, males sobejamente demonstrados, por uma serie de continuas calamidades que teem por origem essa instituição, e a lança por terra, operando uma revolução toda moral e pacifica, esse povo, sem duvida, merece os applausos de todos os paizes civilisados, que visão sobre tudo o progresso e engrandecimento do genero humano.

A Cruz-Alta não fez mais que o seu dever, como cidade culta e progressista, alliando-se a grande ideia, a ideia regeneradora do nosso abatimento moral, e do nosso pauperismo, n'um paiz rico por excellencia, onde o homem educado convenientemente, pode, senão viver, nas superfluidades do luxo, com certeza desfructar a abundancia e os commodos da vida ao alcance da maioria.

Era tempo, e todas as circustanncias do paiz exigião que a arvore, cujos fructos erão negros e nocivos, fosse extirpada de nosso abençoado solo pelas raizes; era tempo de ampliar os nossos horizontes, dissipar-lhe as brumas, e dar campo livre, tapetado de flores, orvalhadas pela esperança de um futuro prospero e feliz, a essa mocidade forte, intelligente e activa, que por todo o imperio se encontra arrostando mil necessidades, perdendo o melhor tempo de ser util á si e a patria, e o que é ainda peior, colhendo os fructos da ociosidade, que, como todos o

sabem, gera todos os vicios.—

Dizia com muito espirito um imperador da China: «Se ha algum homem que não trabalha, ou alguma mulher que nada faz, alguem deve ter frio e fome no imperio.

Escusado é narrarmos os males que nos tem trazido a escravatura; porque elles tem sido desde ha muito lançados a publicidade por habeis pennas e profundos pensadores; por aquelles que, pondo a margem o vil interesse, curão com abnegação e patriotismo do bem estar geral, da posição que deve occupar o homem como ente mais perfeito do planeta que habitamos; e além de tudo isto, não ha quem conscientemente, pondo de parte o interesse e os prejuizos de educação, não reconheça, como reconhecemos que a luz emana do sol, que o elemento servil é a base primordial de todos os nossos males moraes e physicos.

Felizmente o ar puro e desenfectante da liberdade, vai purificando a nossa atmosphera, e ja podemos aspirar o oxigeneo desembaraçado do acido carbonico exhalado por aquelles que vivião em continua combustão, sob a influencia exterminadora da escravidão—

O club «Aurora da Serra» não podia proceder de modo mais patriotico, humanitario e civilisador, promovendo a extincção dos escravos n'esta importante parte da provincia, e felicito não só a todos os seus membros como a toda população cruz-altense, que tão philanthropicamente aceitou e realisou a idéa santa da regeneração da patria, pela regeneração do escravo=

Viva a liberdade=

Viva a livre Cruz-Alta=

G. Costa,

A Cruz Alta livre

A sociedade de que é humilde orgão esta Revista, como sabem todos, não foi fundada com caracter exclusivo de *club abolicionista*— seu fim principal, e unico mesmo, diremos, era: as discussões litterarias.

Mas, apesar do seu exclusivismo, a sociedade «Aurora da Serra» tinha em si o germen do abolicionismo. O artigo 4.º de seus estatutos dispõe o seguinte:

« A sociedade será regida por uma directoria eleita todos os annos no dia 28 de Setembro, e que será empossada no dia 15 de Dezembro, anniversario da installação da sociedade.»

Porque determinou-se tal dia para a eleição? Haveria ahi um fim occulto?

Não. Podemos garantir que não houve nisso intensão occulta alguma, e podemos garantil-o porque collaboramos na confecção dos estatutos.

Meia duzia de moços reuniram-se em dias de Setembro de 1882 para organisar a sociedade, e, em Dezembro, procedeu-se á eleição definitiva da primeira directoria.

Em sessão de 18 de Fevereiro de 1883 forão approvados os estatutos.

Por simples acaso encontra-se no artigo 4.º a data de «28 de Setembro».

Mas, não é menos verdade que, se a introducção daquella data memoravel entrou nos estatutos por mero acaso, nem por isso deixou de ser um acaso feliz, pois servio para mais tarde ser aproveitado despertando a lembrança da creação de uma caixa abolicionista.

Não se creou propriamente uma associação abolicionista e sim uma *caixa* formada com uma parte das diminutas rendas da sociedade e producto de prendas que fossem offertadas em bazar annual que se creava para tal fim.

No primeiro anno, em 28 de Setembro do anno passado, fez a sociedade o que era possivel em sua acanhada esphera, sendo de notar que ao povo cruz-altense, especialmente ás Exms. senhoras desta cidade e municipio se deveu o resultado obtido.

No corrente anno, preparava-se a sociedade para fazer o que fizera no anno anterior, e neste sentido foi distribuido grande numero de circulares.

O presidente da sociedade, porem, genio *terrivel* em materia de grandes emprehendimentos, entendeu que a marcha morosa das manumissões por dinheiro da caixa da sociedade, não convinhão aos progressos da idéa abolicionista.

Concebeu, pois, de acordo com outros socios, no dia 26 de Agosto ultimo, pôr em movimento a Cruz-Alta, para a libertação instantânea.

E, na forma do costume, como todos os projectos concebidos pela cabeça do sr. Castro, o plano foi posto em pratica ao anoitecer do dia 28, sahindo da sala da sociedade grande numero de cidadãos com a banda de musica á frente.

Na sahida do edificio, e em frente ao mesmo, o 1.º orador da sociedade, Dr. Pereira da Costa, em um eloquente discurso, expôz o fim da reunião—pedir aos possuidores a libertação dos

seus escravos.—

Em seguida dirigio-se a reunião á casa do sr. coronel Verissimo Lucas Annes, que declarou promptamente livres os seus escravos.

O mesmo resultado se obteve em casa do sr. José Verissimo da Fonseca, e, em todas as casas por onde passava a reunião, os cidadãos que n'ellas se achavam sahiram para encorporar-se ao povo. A idéa ja tinha deixado de ser exclusiva da sociedade *Aurora da Serra*—o povo em massa da Cruz Alta—havia-a adoptado.

Descrever o que foi essa imponente festa nos dias 28, 29, 30 e 31 de Agosto, é impossivel a mim; não o conseguiria por mais que o tentasse.

Nem uma luta, nem uma resistencia á onda emancipadora! salvo o caso do cidadão João Hoffmeister, a nenhuma porta chegou a manifestação que não se quebrassem os grilhões ignominiosos!

Ainda, a unica excepção, o sr. Hoffmeister, explicado o caso, deu a liberdade ao seu escravo na mesma noite de 29, declarando não ter comprehendido bem o fim do movimento. Logo que o comprehendeu, acompanhou o movimento, e nas noites de 30 e 31 vimol-o enthusiasta ao lado de seus conterraneos.

De triumpho em triumpho, amanheceu o dia 1.º de Setembro podendo se dizer que a cidade e suburbios não tinha mais escravidão, porque dos poucos que parecia restarem, chegou-se ja á conclusão de que—os srs. tenente coronel Lopes e Martins Leonardo ja tinham resolvido libertar seus escravos.

O Sr. Dr. João Martins Fraça acha-se em Porto-Alegre.

Assim, em 4 dias, a Cruz-Alta libertou 200 escravos, entrando neste numero 21 que foram manumittidos por conta da sociedade pelo valor de 4:070$000 reis.

Até hoje, 5 de Setembro, o numero de manumissões sobe a mais de 250 e espera-se que até 28 do corrente se possa proclamar a libertação total do municipio.

Grande! magnanimo! sublime! foi o procedimento do povo cruz-altense.

Aqui não foram precisas violencias nem arbitrariedades, nem se quer, discussões inconvenientes—para que a cidade e seus arrabaldes, em quatro dias, ficasse livre dessa instituição abominavel.

A iniciativa pertence indubitavelmente á sociedade *Aurora da Serra*; mas, o desfecho, o triumpho explendido obtido, é devido á sociedade em peso da Cruz-Alta.

Restam a libertar no municipio talvez 300 escravos, ponco mais ou menos.

Muito fez o povo cruz-altense; mas, ainda resta alguma cousa a fazer: não devemos descançar em quanto não se completar a obra.

A sociedade *Aurora da Serra* tomou um compromisso superior a 2:000$000 reis por conta do resultado dos festejos de 28 do corrente.

Faz, pois, mais um appello ao bello sexo e conta que este não se fará esperar com seu valioso concurso para o basar que tem de ser inaugurado em 24 do corrente.

Até este momento a Cruz-Alta é sem duvida o lugar na provincia, e quiçá no imperio, onde mais se tem feito em tão pouco tempo e na melhor ordem.

A Cruz-Alta não teve, e cremos que não terá *negrophilos*. Se algum tem havido que pretende armar no povo do municipio prevenção contra o movimento abolicionista, movido talvez por despeito, creia o povo: esse que assim proceder não tem a coragem de accusar o povo da Cruz Alta á luz meridiana, não; Só nas trevas do anonymo o poderá fazer.

L.

Theatro.

O modesto theatro, que uma pleade de jovens de nossa sociedade conseguio levantar ha dois mezes nesta cidade, vai receber, um importante melhoramento de obras d'arte, com as quaes podem ufanar-se, os fundadores de tão util a tão agradavel divertimento.

O Generoso artista o sr. Andre Cañetta vizitando a Cruz Alta, e desejando contribuir para o generoso fim daemancipação e deixar-nos uma lembranca sua, offereceu-se cavalleirosamente para pintar um novo panno e vistas para o theatro. O Sr. Cañetta ja deu principio a seu trabalho.

A vista do panno representa um quadro da actualidade, e é um primor d'arte e é mais um florão que junta o distincto pintor a sua corôa de artista.

No dia 7 de Setembro, será estreado o panno e as novas vistas na representação do drama, Adelina, do nosso inteligente comprovinciano o distinto e talentoso poeta Damasceno Vieira

e a comedia Manda quem pode ; que será leva do a scena nessa noite.

Nos aguardamos para o n.º seguinte de nossa Revista da-mos uma discripção dos trabalhos do sr. Cañetta assim como do Drama.

Cruz Alta 1.º de Setembro de 84.

AFFONSO DE CASTRO.

Salve. Oh ! bella e nobre Rainha de Missões.

Exultai Cruz Altenses.

Acaba de raiar para vós, o esplendido sol da liberdade.

Não mais existe em vossa fronte, a negra nodoa da escravidão ; lavaste-a com vosso nobre proceder.

Honra pois a vós,=que tão dignamente soubeste corresponder ao apello que vos foi feito pelas vossas irmãs do sul.

Não trepidaste em seguir tão nobre exemplo, não desmentiste tuas honrosas tradições.

E não podias responder por outra maneira, vós que lutando com todos os preconceitos ; fôstes a primeira, em hastear bem alto, o sacrossanto pendão da liberdade.

Vós que mesmo antes da promulgação da aurea lei de 28 de Setembro, ja possuias em vosso seio, uma sociedade libertadora ; não podias agora desmentindo vosso glorioso passado, ficar surda aos brados de enthusiasmo, que se levanta de norte a sul, no grande Imperio de Santa Cruz.

Eu, um de vossos mais humildes filhos, cheio de enthusiasmo pelo vosso bello e nobre proceder, orgulhoso pela maneira por que vos houveste nesta santa cruzada, congratulando-me com vós pela vossa completa emancipação, levanto um brado sahido do intimo de minha alma, e digo não uma, mas mil vezes.

Salve, Oh ! bella e nobre Rainha de Missões. Salve.

Cruz Alta, 3 de Setembro de 1884.

J. Azevedo.

Emancipação.

Cruz Alta livre eu te saudo !

A *Rainha de Missões* identificou-se com o sentir da época—caminhou e felizmente chegou a tempo de concorrer com seu importante contingente para a regeneração desta heroica Provincia—Assim foi. Nunca a Cruz Alta, presenciou festa mais esplendida, mais enthusiasticamente espansiva.— Era o triumpho da razão que os *serranos* celebrando victoria vão.

De um lado os cidadãos *novos* que vinhão de receber o baptismo da liberdade, e erão restituidos a Patria ; e de outro lado os libertadores que acabavam de concorrer para aquelle explendido resultado, formando um quadro que era digno da admiração geral, e desta terra de tão gloriosas tradições abolicionistas.

Sim—não era somente os homens congregados para conquista de uma ideia, era mais do que isso—os elementos politicos verdadeiramente confundidos—de um lado republicanos pedindo abolição e de outro lado monarchistas saudando a emancipação.

Agora somos dignos da America, e saudando ella, saudamos a liberdade.

Viva a liberdade.

J. A. D.

Livro de Ouro.

NOMES DOS CIDADÃOS QUE LIBERTARÃO ESCRAVOS.

Coronel Verissimo Lucas Annes	2
José Verissimo da Fonseca	1
Fernando Bonorino	2
Lucio Annes Dias	1
João Chrisostimo de Azevedo	1
Francisco Cardozo de Carvalho	5
Carlos Uflacker	2
Vicente Pedro de Queiroz	2
João Maria Carpes	4
Augusto Schroeder	2
Capm. Candido Rodrigues	4
Sebastião Cruz (Cachoeira)	1
João Hoffmeister	1
D. Mariana Lucas da Fonseca	5
D. Anna Pereira Lucas Annes	4
Antonio Verissimo da Fonseca	4
Caetano Pereira da Motta	5
José Caetano Motta	2
Exm.º Sr. Barão de São Jacob	4
Joaquim Pereira da Motta	3
João Barboza Cordeiro	1
Dr. Ferreira Martins	1
Joaquim Verissimo da Fonseca	5
D. Maria Mello do Pillar	1

D. Maria Francisca de Lima	5
D. Alda Brandina de Mello	4
D. Joaquina de Oliveira	5
D. Maria Magdalena Martins	2
Tenente Coronel Manoel Lucas Annes	3
Lourenço Lemes de Moraes Gomes	5
D. Maria Magdalena de Moraes	2
José J. dos Santos Lima	1
José Pereira de Campos	1
Antonio Maria Carpes	1
José Ferreira Carpes	1
D. Maria Antunes de Moraes	2
João Bessa da Silveira Bello	1
D. Anna Annes Domingues	5
D. Anna Antonia Domingues	1
Arminio Domingues e Silva	2
Anizio Domingues e Silva	1
Miguel Müller	2
D. Antonia Joaquina Pereira	1
Aristides Domingues	1
Jacob Theodoro Vinckler	4
Jacob Dochkorn	2
Francisco Berenhauser	1
D. Maria Thomasia da Silva Prado	3
D. Maria das Dores da Silva Prado	1
Manoel Antunes de Camargo Filho	3
Manoel Antunes de Camargo	3
D. Maria Francisca de Souza	2
D. Feliciana Francisca do Nascimento	4
D. Maria Eufrasia Lopes	2
Estevão Malaquias Paes de Figueiredo	1
D. Izolina de Figueiredo	1
D. Malvina de Figueiredo	1
Tenente Coronel José Lopes da Silva	6
Capm. José Antonio Garcez	3
D. Antonia Rodrigues Pereira	1
D. Bernardina Annes Dias	1
D. Maria Fausta de Oliveira	5
Carlos Frederico Lampert	1
Candido José Dutra	2
Guilherme Dill	1
Capitão José Candido Filho	2
José da Silveira Loureiro (já liberta)	1
João de Deus Esmerio	1
D. Carolina de Albuquerque	1
Tenente José Fernandes Paz	1
Benedicto Mariano de Souza (ha pouco libertou mais seis)	6
Juvencio Fagundes dos Santos	1
D. Balbina Rosa da Silva	7
D. Julia Uflacker	4
Coronel Agostinho Pereira de Almeida	19
Antonio Joaquim da Roza	2
Capitão Belisario Moreira do Amaral	1
Capitão Procopio Gomes de Moraes	1
Frederico Weber	4
D. Dina Antonia do Amaral	2
D. Maria Fausta de Moura	2
Feliciano Corrêa da Silva	1
Oliverio Telles de Souza	2
Martim Leonardo	1
Capitão José Annes da Silva	4
Alferes Antonio Monteiro da Fonseca	1
Annibal Lopes da Silva	1
D. Maria do Ceu Fagundes	4
Thomaz de Souza Neves	1

Libertarão mais escravos alem da lista acima os srs.

Manoel Alves da Silva	7
D. Lepoldina Pereira Carpes	5
Capm. José G. da Silva Lima	1
João Carlos Tatsch	1
João Baptista Fagundes	3
José Ignacio Corêa	1
D. Maria Luciana de Moraes	8
João David de Moura Ramos	1
David José de Moura Ramos	2
	255

Nomes dos cidadãos que subscreverão para a libetação dos escravos da cidade da Cruz Alta e municipio.

SUBSCRIPÇÃO PROMOVIDA PELO CLUB «AURORA DA SERRA

Coronel Agostinho P. de Almeida	480$000
Coronel Verissimo Lucas Annes	100$000
Empresa do Monitor Serrano	50$000
João Chrissostomo de Azevedo	50$000
Sebastião Tarumã	50$000
Marinho Cesar de Macedo	50$000
José Villar de Sá	50$000
João Antonio de Oliveira	50$000
Antonio Pereira de Escobar	20$000
André Cañetta	20$000
Dr. Joaquim Pereira da Costa	20$000
João Pereira da Costa	20$000
Pedro Nolasco Pereira	20$000
Dr. Rodolpho G. da Paixão	50$000

Hilario José de Barcellos.	50$000
Aaron Levy	30$000
Otto Von Hovel	2$000
João Thiophilo Clavery	4$000
Celso Dezouzart	10$000
Julio Theodorico da Roza	3$000
José Annes Dias	10$000
Estacio Angelo Gonçalves	3$000
Josino dos Santos Lima	5$000
João Vivanco	10$ 00
Gaudencio Cavalheiro da Rocha	10$000
João Annes da Silva	5$ 00
Guilherme V. da Fonseca	5$000
Dario Vianna	3$000
Ulisse E. da Roza	1$000
João A. da S. Bessa	3$000
Francisco Martins	3$000
Manoel Netto de Mattos	5$500
Benedicto José Pedro Gonçalves	2$000
João de Oliveira	2$000
Verissimo Lopes	3$000
Clovis Conceição Clavery	1$000
Pedro Lima (um terneira)	
Paulino de Moraes	3:000
João Maria Clavery	1:000
Augusto C. da S. Martins	3$000
Manoel Martins	1$000
Nicolau P. Catalano	20$000
Alfredo de Moraes Silveira	20$000
Diniz Filho	20$000
Nicolau de Felippo	2$000
Joaquim Genro da Silva	3$000
Deoclecio Rostro	3$000
João Verissimo da Fonseca	2$000
Salomão Kahn	5$000
Frederico Becker	10$000
Appolinario	5$000
Maria	700
José Monteiro	700
Reis	1:299$900

Club Aurora da Serra.

Como presidente do club Aurora da Serra, cumpre-me declarar que o Illm.º Sr. Tenente Coronel José Lopes da Silva, de ha muito tinha deliberado com sua Exm.ª esposa, liberta rem seus seis escravos em 28 de Setembro, aniversario da sabia lei do immortal visconde do Rio Branco, assim como o Illm.º Sr. Dr. Ferreira Martins ja tinha tambem libertado sua escrava, tendo porem o Club promovido a festa emancipadora os mesmos srs. enviaram as cartas de liberdade desde ja ao Club. Actos taes são dignos dos maiores elogios.

Como presidente da sociedade tinha tambem conhecimento que muitos cidadãos pretendiam libertar seus escravos no dia 28. A sociedade conferio 21 liberdades até hoje no valor de..... 4:070$000=assumindo este compromisso para saldar de 28 de Setembro em diante, isto é parte desta quantia, pois que, a sociedade ja conta com os seguintes recursos:

Subscripção popular= 1:299$900

Idem promovido pelos cidadãos Lima, Costa e Cañette $

Fundos da caixa abolicionista 432$000

Subscripção entre os libertos promovida por Rufino. $

Fica a sociedade devendo a diversos senhores, e pretende satisfazer seu debito, com o producto do bazar que a sociedade trata de organisar, e que terão lugar as arrematações nos dias 24, 25 e 26 do corrente.

As liberdades que a sociedade conferio foi de acordo com os senhores de escravos e nenhuma excedeu de 200$000 preço que a sociedade ja tenha estatuido havendo algumas de menos, isto apresentadas pelos senhores.

Tenho passado, como presidente da sociedade uma declaração, a todos os senhores a quem a quem a sociedade fica devendo, tendo todos concordado esperarem o pagamento para depois de 28 de Setembro.

Em lugar competente vai os nomes de todos os senhores que libertarão escravos, e todos os que subscreveram quantias.

Evaristo Affonso de Castro

Chronica

7 de Setembro de 1884.

Leitores.

E' com grande pezar que sou forçado a escrever estas linhas, como humilissimo chronista da presente revista. Entretanto, cousa rara! tenho o coração cheio de alegria, a alma reple-

cta de enthusiasmo!

Porem, é de tanta transcedencia o assumpto de que vou me occupar, é tão interessante e nobre o facto de que vou tractar, que, sou o primeiro a reconhecer, éra digno, devia mesmo ser descr pto por outra qualquer penna, contando que ella fosse millesimas vezes superior à minha.

Nunca tive occasião de lamentar tanto a minha ignorancia: nunca a pequenez do meu espirito e a escassez dos meus recursos intellectuaes se revelaram à mim mesmo tão crueis e esmagadoras, como neste momento em que tudo o que vejo é grande, é bello, é nobre e elevado.

Uma multidão immensa, no auge do enthusiasmo, levanta fervorosa proclamação, que, levada nas azas das auras da liberdade, parte dos valles aos montes, ao topo das florestas, ás nuvens,, aos astros e, repetida pelos labios angelicos, chega até o Supremo Creador. Deus baixa dos ceus para abençoal-a porque pratica a mais sublime das caridades; a natureza, recebendo a primavera cobre-a de flores porque restabelece brilhantemente o mais importante dos artigos de sua sabia lei. A creação entôa hymnos à Liberdade. Os ceus diffundem luzes de civilisação. E as campinas, as flores, os bosques, os passaros, a brisa e todos os astros que a seu turno brilhão na amplidão do espaço repetem altisono ao universo inteiro a sua fervorosa proclamação:

—A Cruz Alta é livre!

. . . . . .

Sim, leitores, a Cruz Alta é livre! O astro do dia, desde que desponta no oriente até engolphar-se no occaso, não tem mais occasião na nossa cidade, arrabaldes e grande parte do municipio, de ver correr lagrimas que ninguem enxugava; nem as trevas da noite continúa, como até então, a ser a dipositaria dos gemidos que ninguem ouvia!

Aqui tudo é livre: Os cruz-altenses tocados do mais santo dos sentimentos —o amor da humanidade— abriram de par em par as suas portas permittindo que essa trindade sublime —Liberdade, Igualdade e Fraternidade, penetrasse no santuario da familia para partir as algemas dos escravos que, por-ventura, tinhão. D'este arte, este povo, cuja espontaneidade, abnegação e patriotismo acaba de conquistar-lhe um glorioso renome, *du jour au lendemain*, restituio à patria cerca de 300 cidadãos, que o despotismo da mais barbara lei havia exilado da propria patria!

O esplendido triumpho da razão, da equidade e da justiça, que o magnanimo povo da rainha de Missões acaba de alcançar na revolução que, unicamente com a escravona da idéia, realisou contra a negra instituição do captiveiro, não admitte que se lhe faça a apologia, porque não ha termos em vocabulario nenhum para exprimir o brilhantismo de grande victoria, onde não houve vencido—onde todos foram vencedores!

A gloria dos habitantes da Cruz-Alta, libertando simultaneamente os seus escravos, dispensa todos os elogios, porque nenhum corresponderia á espontaneidade, enthusiasmo e interesse com que se operou este grandioso movimento, esta ennobrecedora transformação.

* * *

No proposito de reunir um maior numero de cartas de liberdade do que as que tinhão de ser compradas pela caixa libertadora do club com o rendimento do bazar que se ha de de effectuar nos dias 24, 25 e 26 do corrente, conforme o regulamento do mesmo club, tomou a Directoria o expediente de dirigir circulares a todos os possuidores de escravos solicitando cartas de alforria como donativos feito à referida caixa, que, segundo estatue o supracitado regulamento, deve todos os annos solemnisar o anniversario da sabia Lei do immortal Visconde do Rio Branco concedendo tantas liberdades quanto comportar a sua receita.

O resultado de taes circulares, excedeu extraordinariamente á espectativa dos subscriptores.

Um dos nossos dignos consocios, o sr. Coronel Agostinho Pereira, a quem o Club havia tambem dirigido o seu apello, não tendo mais escravos á libertar, partio de sua Fazenda e veio pôr a disposição do nosso Presidente a sua bolsa e sua pessôa, revelando com semelhante procedimento intima dedicação á ideia que aventavamos e verdadeiro interesse pela causa que advogamos,

Acolhendo de braços abertos tão importante offerecimento, o Presidente do club resolveu aproveitar-se dos espontaneos serviços que tão illustre cidadão podia prestar, e o ambito e nossas aspirações alargou-se, como que de improviso, até ao ponto de pensar-se na extinção completa da escravidão na nossa cidade. Assentou-se, então, em fazer uma *marche au flambeau* para ir de casa em casa pedir aos

cruzaltenses a libertação total de seus escravos.

Eis a origem do maior movimento que jamais a Cruz-alta presenciou : eis ahi como se preparou a maior gloria que este povo conquistou no mundo da civilisação !

A' noite do mesmo dia, 28 de Agosto a passeiata, que acabava de ser planejada, foi posta em pratica.

As 7 horas da tarde, reunindo-se no theatro um crescido numero de abolicionistas, partio a multidão levando na frente a banda de musica «Progresso Cruz-altense, que cavalheirosamente se prestou para abrilhantar a magna festa de liberdade com suas harmonias, e os oradores do club, os infatigaveis cidadãos Diniz Filho e Drs. Joaquim Costa e Rodolpho da Paixão, cujas palavras, cheias de convicção e de eloquencia, conquistarão a gloria que hoje nos orgulha.

Aos oradores do club associou se o Dr. Ferreira Martins, que com sua abalizada palavra muito fez em prol da grande causa.

A' respeito do Presidente do club, que frequentemente se fez ouvir, nada devo acrescentar, porque os seus esforços e dedicação são conhecidos de todos e dispensa quaesquer elogios.

* * *

Chegados, que fomos á frente da casa do sr. Coronel Verissimo Annes, tomou a palavra o Dr. Joaquim, que, explicando o fim que nos conduzia alli, pedio-lhe, cheio de confiança no generoso coração que pulsa no peito daquelle cidadão, a liberdade dos seus escravos. A espontaneidade e enthusiasmo com que o illustre Coronel accedeu ao appello que se lhe fazia, forão dignos das fervorosas saudações de que foi alvo.

D'alli por deante, em mais dois dias consecutivos que durou a gloriosa distruição, não tivemos occasião, até o momento, em que, desprendendo-se o ultimo grilhão, a Cruz-alta cantou hosanas, senão de presenciar actos de abenegação e patriotismos identicos ao edificante exemplo de humanidade e civilisação que o Coronel Verissimo deu aos seus conterraneos, que muito o prezão.

O grande desprendimento com que a Cruz Alta decretou a sua emancipação ; o verdadeiro enthusiasmo com que exalçou o estandarte da liberdade ; a maxima espontaneidade com que concorreu para esta grandiosa obra : eis o maior e mais explendido padrão de sua gloria.

Sim, leitores ; nenhuma negação se manifestou diante da marcha triumphal que nos conduzio ao nivel da civilisação actual ; nenhuma voz dissonante interrompeu a sublime harmonia da nossa victoria. Nunca a Cruz Alta presenciou uma festa tão brilhante, como tambem nunca deu prova mais cabal do seu adiantamento moral e intellectual.

De toda a parte partiam estrepitosos vivas Não houve ninguem que se deixasse ficar em casa durante a esplendorosa transformação. A cidade em pezo acompanhava o ango da Fama que apregoava ao mundo civilisado que a Rainha de Missões ja era digna delle.

De todos os lados chovião adhesões e auxilio para o grande disederatum, e, d'entre ellas, a que mais causou sorpreza foi o donativo de..... 50$000 rs. feito por um orphãosinho para *liaer tas negro*, segundo a sua innocente expressão.

Eis pessimamente relatado o meio porque a Cruz Alta conseguio, da mandira a mais radiante, proclamar enthusiasticamente a sua liberdade no dia 31 de Agosto de 1884.

A gloria de tão grandiosa idéa pertence ao club «Aurora da Serra» ; a gloria da execução de tão magestoso plano pertence ao povo Cruz Altense.

Viva pois o povo cruz-altense

Viva, pois, o club Aurora da Serra !

Viva as Provincias e localidades livres do Imperio !

Viva a Independencia do Brazil !

* * *

Leitores ! A pressa, a falta de espaço e a minha insufficiencia não permettirão que eu vos fizesse uma narração circunstanciada e digna deste grande acontecimento, que muito nobitanos e orgulha, e por isto vos pede immensas desculpas o vosso

CANO.

A sociedade Aurora da Serra, offerece a todos os senhores que libertaram escravos e que libertarem do municipio, para mandar registrar as cartas e fazer a communicação á collectoria. Para este fim devem ser enviadas as cartas do club.

A sociedade «Aurora da Serra», pede desculpa se por acaso houver qualquer omissão de nomes, na nomenclatura dos senhores que libertarão escravos, assim como na subscripção ; e attenderá com prazer a qualquer reclamação